

# LEVANTAMENTO LEXICAL DOS ENCAPSULADORES UTILIZADOS NAS REDAÇÕES DE ALUNOS DO PRÉ-VESTIBULAR

*Dayhane Alves Escobar Ribeiro* (UERJ)  
[dayhanepvs@yahoo.com.br](mailto:dayhanepvs@yahoo.com.br)

## **1. Introdução**

O presente trabalho, intitulado como “Levantamento lexical dos encapsuladores utilizados nas redações de alunos de pré-vestibular”, afigura-se, pois, como uma contribuição para que docentes e discentes, atuais e futuros professores, profissionais das áreas afins e autoridades do ensino repensem a prática pedagógica. As reflexões abordadas a seguir mostram possibilidades atuais sobre a relação entre escola e sociedade, envolvendo a produção textual como uma prática social e não como uma atividade escolar do aluno, ela é cultural e precisa ser adquirida. Portanto, com este trabalho almeja-se ressaltar o papel da escola na introdução dos sujeitos ao mundo das letras, pois, no âmbito do ensino, o professor vem sendo requisitado e cobrado na reformulação de programas e práticas, chamado a atentar mais para o enlace entre o uso da linguagem e o exercício da cidadania.

É bem verdade que este trabalho consiste num capítulo muito mais estatístico do que dissertativo, todavia, pretende-se destacar os dados em análise, como que expandindo o espectro semântico dos sintagmas levantados, ampliando suas referências assumidas no texto. Nesse cenário, constatam-se as características gerais dos textos analisados, tecendo algumas considerações sobre a trajetória desta pesquisa, que contou, inicialmente, com 25 redações selecionadas a partir do critério estrito de atendimento ao tema proposto. O interesse específico por este corpus se deu pelo fato de estas redações aglutinarem duas questões em cuja análise tinha interesse: o tipo de texto argumentativo e o processo de referenciação. Desta forma, para a análise deste material linguístico optou-se por aplicar um tratamento quantitativo aos dados, utilizando a teoria laboviana.

Assim, em uma análise preliminar dos dados, este trabalho contribuirá para uma tentativa de “mapeamento discursivo” das pos-

síveis referências existentes nos textos, isto é, um levantamento dos referentes que, por força das distintas propostas temáticas de cada redação, ocorrerão com mais frequência do que outros. Esse levantamento permitirá vislumbrar um provável mecanismo de manutenção da coesão, através do processo de referência, contribuindo para a construção do tópico discursivo dentro das partes constituintes do texto. Além disso, com esses dados coletados poder-se-á indagar quais motivos relevantes contribuíram para a escolha desses encapsuladores, descrevendo as duas perspectivas que envolvem a análise em curso, a saber: a visão de cada elemento que compõem uma cadeia de referência e a visão da cadeia de referência como um todo.

## 2. *O emprego dos encapsuladores*

O encapsulamento é um fenômeno lexical de inclusão sintagmática, no qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumitiva de uma porção precedente do texto. Os sintagmas nominais encapsuladores aparecem em pontos nodais no texto e eles funcionam como recurso de interpretação intratextual, que rotulam porções textuais precedentes. Conforme, pode-se perceber nos diferentes fragmentos das redações selecionadas, que serão apresentados no decorrer deste capítulo para exemplificar a noção de encapsulamento, como em:

*“Nota-se, (...)o aquecimento global.(...)reverter esse processo.”*

Nesse exemplo, a retomada do tema *aquecimento global* se dá através do encapsulamento da tese do parágrafo, como ponto, exclusivamente, nodal na hierarquia semântica de texto. Neste caso, o sintagma nominal encapsulador aparece formado por um nome-núcleo e um determinante demonstrativo com intrínseco poder dêitico: *esse processo*.

Não obstante, essa referência também pode ocorrer com a repetição do mesmo sintagma já mencionado sem a necessidade de se acrescentar um novo nome-núcleo para o referenciador. Assim, pode-se dizer que a referência, que ocorre a partir dessa retomada de um assunto ou palavra, é também chamada de anáfora, quando o sintagma trata de um termo que já foi dito, acrescentando uma nova

informação a ele, para manter a progressão temática, como pode ser visto em:

*“são consequências do fenômeno chamado Aquecimento Global. O fato é que este fenômeno não é natural e sim provocado pelo homem.”*

Essa correferência é uma anáfora que depende de fatores contextuais ou pragmáticos, pois a inferência de uma interpretação sintática é controlada por seu antecedente, o qual consiste em uma anáfora fiel. Visto que a correferência se dá por um mesmo nome nuclear, só que na referenciação ele aparece introduzido por um demonstrativo. Assim, Marcuschi (2007, p. 78) destaca como mecanismo de referenciação a anáfora fiel, que consiste em uma correferência, na qual o nome nuclear ou o sintagma encapsulador é o mesmo termo antecedente. Nas redações em questão, essa repetição do sintagma aparenta ter valor enfático, em alguns casos, contribuindo para a progressão do texto à medida que o mesmo elemento vai se formando dentro do texto – objeto de discurso.

Com isso, pode-se observar que o mesmo Sema é transformado, conforme a intenção do autor. A repetição do nome – núcleo mostra, semanticamente, que todo o texto tem argumentatividade – um processo discursivo de referenciação, que sai em busca do sentido permanente –, e dessa maneira o objeto vai sendo reconstruído por retomada e continuidade. Neste sentido, pode-se destacar a tese de Pêcheux (1990, p. 169) sobre a noção e efeito de sentido:

Queremos dizer que a produção de sentido é estritamente indissociável da relação de paráfrase entre sequências tais que a família parafrástica destas sequências constitui o que se poderia chamar de matriz do sentido (matriz = geratriz). Isto equivale a dizer que é a partir das relações no interior desta família que se constitui o efeito de sentido, assim como a relação a um referente que implique esse efeito. Se nos acompanham, compreenderão, então, que a evidência da leitura subjetiva segundo a qual um texto é biunivocamente a seu sentido (com ambiguidades sintáticas e/ou semânticas) é uma ilusão constitutiva do efeito-sujeito em relação à linguagem e que contribui, neste domínio específico, para produzir o efeito de assujeitamento que mencionamos acima: na realidade, afirmamos que o “sentido” de uma sequência como pertencente necessariamente a esta ou àquela formação discursiva (o que explica, de passagem, que ela possa ter vários sentidos).

Esta tese explícita de forma clara o caráter necessariamente histórico dos sentidos. É apenas em uma relação parafrástica empiricamente constatada que um efeito de sentido se dá. A concepção de

sentido como mensagem é tributária, entre outras, de uma ideia segundo a qual o sentido é uma espécie de objeto (um conceito) bem definido, contido no ou veiculado pelo significante, de forma bastante estável, embora não para todo o sempre. O signo é reconstruído no texto e vai formando seu sentido, textualmente. Cabe ressaltar que o semântico não está apenas nas palavras, mas nas redes de significação, nas redes estabelecidas do texto (unidade de significação), pois a língua é um instrumento para a realização do pensamento, quer dizer, a língua não pode ser decodificada – a palavra não codifica o pensamento, ela é um dos instrumentos para a exteriorização do pensamento.

Assim, levando em consideração os fenômenos mencionados, nota-se que com a junção dos fenômenos supracitados é possível compreender no que consiste o encapsulamento anafórico, o qual retoma os fenômenos supracitados como um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumitiva de uma porção precedente no texto. Na teoria textual, essa substituição deve ter um papel importante, pois o fenômeno que cai sob o conceito de encapsulamento leva em conta a função dos nomes gerais no discurso, sob o título de ‘referência estendida’, com alto potencial anafórico.

Desta forma, pode-se dizer que o encapsulamento anafórico é usado para fazer referência metadiscursiva, sem juízo de valor, organizando o discurso, sumarizando (ou reformulando) o precedente a que se refere, seja um termo ou toda uma sentença. Trata-se de uma categorização, isto é, uma operação cognitiva e emotiva relevante do falante, um encapsulamento anafórico ocorre por meio de nomes neutros veiculando a informação velha e é acompanhado por um demonstrativo que deve ser considerado como uma instrumentação ao leitor para que descubra o antecedente da expressão anafórica, comprovando que o uso do demonstrativo é quase inevitável, de acordo com o exemplo que segue:

*“A população (...)prefere consumir produtos, ecologicamente, eficientes, (...). Através desse hábito de compra as empresas se viram pressionadas (...).*

Nesse exemplo, ao retomar o conteúdo anterior com o sintagma nominal *desse hábito* acontece uma sumarização que opera

coesivamente como um encapsulamento do tópico frasal do período anterior, utilizado para conectar e organizar o discurso escrito. Essa categorização dos conteúdos do cotexto precedente ocorre por meio de nomes neutros ou na avaliação de estados de coisa por meio de nomes avaliativos ou em sintagmas nominais com adjetivo avaliativo modificador. A categorização e a avaliação são operações cognitivas e emotivas relevantes do falante. Neste sentido, o encapsulamento pode ser considerado uma anáfora pragmática, conforme o exemplo abaixo:

*“A partir da década de 80, começou a se espalhar no mundo uma pressão nos governos para que intervissem de alguma forma na questão ambiental.”*

Nota-se que há aqui um nome-núcleo e um modificador qualificativo, ambos funcionando como um item referencial, nomeando a extensão do discurso, pois resume e encapsula o que veio antes, reintroduzindo o tema com um nome neutro “*questão*”, acompanhado por um modificador que contribui para o papel de predição e encapsulamento, definindo o nome nuclear em relação ao meio ambiente. Esses rótulos têm força argumentativa, e são usados para conectar e organizar o discurso escrito, pois o rótulo exige realização lexical em seu cotexto, operando coesivamente em fronteiras de orações devido ao seu papel organizador que se estende para todo o parágrafo.

Neste sentido, as palavras tomam formas a medida que o efeito de sentido seleciona no inventário da língua a palavra para seu discurso – apropriação das palavras para dizer o que quer. Conforme Marcuschi (2007, p. 63), a língua é constitutiva de nosso conhecimento, não pode ser definida nem compreendida à margem de tais atividades, pois muitos rótulos são construídos dentro de sintagmas fixos ou de “expressões idiomáticas”. Assim, o encapsulamento por meio do rótulo retrospectivo aparece no texto como nome núcleo com um modificador qualificativo, que funciona como um item referencial, que refere e nomeia uma extensão do discurso, portanto, ele resume e encapsula o que veio antes, reintroduzindo-o, como uma retomada temática que se refere e nomeia uma extensão do discurso.

### 3. *A contribuição para a progressão temática*

Como já foi mencionado, o encapsulamento anafórico é primariamente uma categorização dos conteúdos do cotexto precedente, essa categorização, por sua vez, ocorre por meio de nomes neutros, mas também se dá na avaliação dos estados de coisa por meio de nomes avaliativos (ou em sintagmas nominais com um adjetivo como modificador).

Desta forma, o que segue nesta parte do trabalho servirá de clara exemplificação desses nomes axiológicos como recursos de encapsulamento. Para tanto, serão apontadas em cada item as formas encapsuladoras e seus conceitos, para em seguida mostrar como elas ocorrem nos fragmentos selecionados das redações, que compõem este corpus.

Assim, quanto aos recursos de coesão utilizados nessas redações, podemos observar como eles contribuem para a manutenção temática, funcionando como intermediadores entre a informação velha, mencionada antes no texto, e o dado novo, que será apresentado para sustentar a tese na argumentação desenvolvida em cada redação. Seguem, portanto, as formas encapsuladoras estudadas e os dados recolhidos no corpus:

Os *sintagmas nominais encapsuladores* aparecem em pontos nodais no texto. Eles funcionam como recurso de interpretação intratextual que rotulam porções textuais precedentes.

Nota-se, hoje em dia, uma preocupação de todos os setores da sociedade civil com o aquecimento global. O poder do consumidor, a conscientização das empresas e o governo através da força da lei estão tentando reverter esse processo.

Nesse contexto, o “nó” na superfície textual ocorre por meio da retomada do tema Aquecimento Global através do encapsulamento anafórico para retomar a tese do parágrafo, já que se trata da conclusão paragrafal. Além disso, pode-se dizer que, como ponto exclusivamente nodal na hierarquia semântica de texto, o sintagma nominal encapsulador aparece formado por um nome núcleo acompanhado de um determinante demonstrativo, que apresenta intrínseco poder dêitico.

A *referenciação pronominal* é uma forma remissiva gramatical de retomada, que ocorre por meio do uso de elementos conectores que se referem a coisas passadas no texto. A organização textual se dá *por* meio da progressão temática, mantendo a coesão entre os parágrafos, que se estruturam em duas partes: um tópico frasal e o desenvolvimento do mesmo, com clareza evitando repetições.

*“A população (...) prefere consumir produtos. (...) que degradam o mínimo o meio ambiente a outro mais poluente.”*

Temos aqui uma situação especial de coesão, que para evitar a repetição de palavras usa-se um pronome indefinido, retomando o referente “produtos”, entretanto, a falta de concordância entre os termos prejudica a coerência, gerando ambiguidade e falta de precisão anafórica.

A *categorização* é uma operação cognitiva e emotiva relevante do falante, trata-se de um encapsulamento anafórico que ocorre por meio de nomes neutros, veiculando a informação velha e acompanhado por um demonstrativo que deve ser considerado como uma instrumentação ao leitor para que descubra o antecedente da expressão anafórica, comprovando que o uso do demonstrativo é quase inevitável.

*“A população (...)prefere consumir produtos, ecologicamente, eficientes, (...). Através desse hábito de compra as empresas se viram pressionadas a fabricar algo que intervissem o mínimo na ecoesfera tanto na sua fabricação quanto na utilização e descarte.*

Ao retomar o conteúdo anterior com o sintagma nominal *desse hábito* acontece uma sumarização que opera coesivamente como um rótulo do tópico frasal do período anterior, utilizado para conectar e organizar o discurso escrito.

A *referência de demonstrativos neutros* ocorre como forma de um denominador comum de sintagmas nominais, utilizada para manter a coesão referencial do texto, como um nome geral que tem alto poder anafórico. Os demonstrativos estão entre os mais importantes conectores da língua portuguesa, frequentemente, se criam questões de interpretação ou compreensão com base em seu emprego.

“As empresas, ao longo dos anos, aumentaram muito o valor que dão aos custos dos produtos que fazem. Com isto, perceberam que diminuir a quantidade de matéria-prima”.

Há uma relação semântica entre o pronome substantivo *isto* e todo o fragmento anterior, o que possibilita tal substituição. Além disso, o demonstrativo exerce função localizadora (KOCH, 2009), ou seja, pode dar ao leitor/ouvinte instruções sobre a localização do respectivo referente no texto. Esta forma remissiva atua, anaforicamente, condensando a sentença previamente mencionada.

Os *nomes de atividades languageiras* são similares aos nomes ilocucionários, se referem aos resultados de padrões discursivos. O nome nuclear de “atividade languageira” ocorre no rótulo posto em prática para expressar dados da língua.

“Portanto, nota-se que todos os três setores da sociedade estão engajados em diminuir o aquecimento global.”

O nome nuclear *setores* retoma os argumentos que foram propostos para defender a tese de que o *poder do consumidor*, a *conscientização das empresas e o governo* através da força da lei estão tentando reverter o processo do Aquecimento Global. Daí o uso da forma gramatical remissiva presa, um numeral “*três*”, que exerce a “função-artigo” (KOCH, 2009), acompanhando o nome nuclear “*setores*” de “atividade languageira” com o modificador de papel classificatório do rótulo “*da sociedade*”. Desta forma, ratificando a tese, por meio da coesão referencial anafórica, o aluno faz a conclusão de seu texto.

O *encapsulamento anafórico* é uma categorização dos conteúdos do cotexto precedente ocorre por meio do nome neutro precedido do demonstrativo neutro com referência estendida ao sintagma anterior.

“Nos tempos modernos de hoje, a ciência conseguiu com ajuda dos avanços tecnológicos encontrar cura para os enfermos mais graves através *dessa célula*.”

O encapsulamento ocorre neste trecho mantendo uma referenciação temática, relativa ao título, neste caso, repete-se literalmente a palavra *célula* precedido do demonstrativo que funciona como um gancho lexical.



A *categorização dos conteúdos do cotexto* ocorre por meio de nome neutro encapsulador, que é um demonstrativo, o qual é quase inevitável, já que existe um tipo de afinidade eletiva (Cf. CAVALCANTE *et alii*, 2003, p. 183).

“É notório que, nos últimos anos, o mundo vem sentindo alterações climáticas, e estas são consequência”

A natureza estabelecadora de referente que favorece a recorrência de demonstrativos como nome nuclear, retoma a ideia anterior que está parafraseando o tema através da expressão sinonímica *alterações climáticas* no lugar de *Aquecimento Global*.

O *rótulo prospectivo* funciona cataforicamente, organizando as informações novas e contribuindo para a progressão temática. Trata-se de um recurso progressivo que precede sua lexicalização, apresentando um juízo de valor sobre o assunto que está tratando.

“uma série de fatores muito graves. // Com a terra mais quente, as calotas polares acabam derretendo (...) catástrofes ambientais, como o terremoto no Haiti, fortes alterações climáticas, chuvas fortes (...) desertificação, para vulcões”.

O nome nuclear *fatores* prediz as informações que virão a seguir, as quais especificarão os diferentes tipos de fatores causados pelo Aquecimento Global. Este trecho em destaque funciona como tópico/tese do texto, principiando os argumentos que surgirão para enumerar tais fatores. Não somente, é possível notar que, explicitamente, há o ponto de vista do aluno sobre o tema que se expressa pelo modificador *muito graves*, assim configurando um juízo de valor sobre o assunto.

Os *demonstrativos neutros com função localizadora* (KOCH, 2009) utilizado para manter a coesão textual, como um nome geral que tem alto poder anafórico.

“aumenta o nível dos oceanos e ainda afeta os animais, como os ursos polares. Além disso, o aquecimento global”

O pronome substantivo *disso*, em forma conjuntiva, exerce função localizadora (KOCH, 2009) e modalizadora do discurso, pois oferece ao leitor/ouvinte instruções sobre a localização do respectivo referente no texto e atua, anaforicamente, condensando a sentença mencionada, previamente. Pode-se dizer que os demonstrativos estão

entre os mais importantes conectores da língua portuguesa, visto que além de sequenciar os argumentos no texto, eles também podem funcionar, conforme no exemplo acima, como uma forma remissiva de encapsulamento anafórico ou rótulo retrospectivo ao retomar a idéia anterior, dando uma continuidade para ela.

A *sumarização coesiva por categorização* consiste em uma operação cognitiva e emotiva relevante do falante, trata-se de um *encapsulamento anafórico* que ocorre por meio de *nomes neutros*, veiculando a informação velha e acompanhado por um *demonstrativo* que deve ser considerado como uma instrumentação ao leitor para que descubra o antecedente da expressão anafórica, comprovando que o uso do demonstrativo é quase inevitável.

“as calotas polares acabam derretendo (...)catastrofes ambientais, como o terremoto no Haiti, fortes alterações climáticas, chuvas fortes (...) desertificação, para vulcões. // (...) **essas consequências** vão piorar”

Ao retomar os argumentos apresentados no texto para fazer a conclusão o aluno resume tudo em um único sintagma, que funciona como uma cápsula que contém várias informações do cotexto. Desta forma, o conteúdo anterior é retomado na forma do sintagma nominal *essas consequências*, acontecendo uma sumarização que opera coesivamente como um rótulo dos tópicos frasais de cada parágrafo de desenvolvimento, utilizado para conectar e organizar o discurso escrito.

O *encapsulamento anafórico por meio de rótulo avaliativo* ocorre por meio de nome axiológico (modificador), veiculando a informação velha, acompanhado por um demonstrativo inevitável, que marca a referência no cotexto.

“as calotas polares acabam derretendo (...)catastrofes ambientais, como o terremoto no Haiti, fortes alterações climáticas, chuvas fortes (...) desertificação, para vulcões. // (...) e o mundo cada vez mais vai sentindo **essas catástrofes**”

Nota-se a cognição e emotividade do aluno ao tratar do tema, diagnosticando como *catástrofes* os acidentes ambientais que vêm ocorrendo por causa do aquecimento global. O nome encapsulador não é neutro por isso exige o demonstrativo, para marcar que sua opinião está presa ao cotexto; e, assim, a localização do referente só pode estar no cotexto. Daí a afinidade maior que existe entre o nome

núcleo e seu determinante demonstrativo, quando apresenta uma opinião axiológica (CAVALCANTE et alii, 2003).

O *encapsulamento* é uma categorização por meio de um sintagma, que estabelece um referente para possibilitar a sintetização e referenciação de dada informação no texto, isto possibilita a recorrência de determinantes demonstrativos em vez do emprego do artigo definido.

“as calotas polares acabam derretendo (...) catastrofes ambientais, como o terremoto no Haiti, fortes alterações climáticas, chuvas fortes (...) desertificação, para vulcões. // (...) essas consequências vão piorar e (...) não será mais possível controlar nem mudar esta situação.”

O nome *situação* conclui os efeitos dos argumentos relativos às consequências do Aquecimento Global, que resultam no contexto exposto, anaforicamente. Por meio dessa sumarização, a expressão anafórica retoma os tópicos frasais dos parágrafos de desenvolvimento. Este nome encapsulador é neutro e vem acompanhado do demonstrativo *esta*, que concorda com *situação* e organiza o discurso. O demonstrativo tem poder dêitico e funciona como a instrução para se descobrir o antecedente.

A *referenciação catafórica* categoriza os conteúdos do contexto posterior que especificarão o nome neutro seguido do rótulo especificador, fazendo referência aos sintagmas nominais posteriores.

“A sociedade atual tem que conviver com muitas questões sociais, (...) violência, a desigualdade social!”

O encapsulamento ocorre neste trecho antecipando os argumentos que sustentarão a tese do autor, funcionando como um gancho lexical.

A *referenciação anafórica* ocorre por retomada com a repetição do mesmo nome nuclear, com função substantiva. Trata-se de uma forma de coesão referencial por anáfora fiel (o mesmo item lexical).

“A sociedade atual tem que conviver com muitas questões sociais (...) Uma dessas questões que abrange quase todos os habitantes”

A retomada do sintagma nominal ocorre por anáfora fiel, precedida por um determinante gramatical – um numeral cardinal – e

por um demonstrativo – organizador do discurso – com referência explícita na superfície do texto.

O *encapsulamento anafórico* aparece em pontos nodais no texto, funcionando como recurso de interpretação intratextual, que retoma porções textuais precedentes e dá continuidade ao tema, contribuindo para a progressão temática.

“é o fato dos países não procurarem outras formas de energia, não poluentes, como eólica, solar”

Encapsulamento anafórico por meio de rótulo retrospectivo ocorre por etapas: 1º) veiculando a informação velha através do nome nuclear ‘*formas*’; 2º) usando um especificador ‘*de energia*’; e 3º) marcando a referência do cotexto com o pronome indefinido ‘*outras*’, que retoma e dá continuidade para a informação nova.

A *referenciação pronominal contextual* ocorre a partir da retomada de um sintagma nominal que é, potencialmente, o elemento de referência, por preencher as condições de concordância do pronome. Em termos de argumentação, a escolha do demonstrativo se dá por aproximação com o referente.

“A atuais fontes energéticas álcool, petróleo; esse que é usado como combustível para automóveis”

Neste caso, o pronome demonstrativo fornece ao leitor *instruções de conexão* (KOCH, 2009) a respeito do elemento de referência *petróleo* com o qual tal conexão deve ser estabelecida. O “*esse*” é um elemento linguístico formador do cotexto, responsável direto para que se estabeleça a relação de remissão do termo que foi mencionado por último na sentença que o antecede.

A *referenciação pronominal substantiva* é forma remissiva livre a partir do uso de pronome substantivo com função localizada, pois substitui o referente no texto, retomando-o com a mesma concordância de gênero e número.

“a morte de muitas espécies e até a extinção das mesmas.”

Ocorre, aqui, como forma de uma anáfora resumitiva do sintagma nominal apontado, utilizado para manter a coesão referencial do texto, como um nome geral que tem alto poder anafórico, retomando o fato da *morte de muitas espécies*. Cabe ressaltar que há a

mesma relação semântica entre o pronome substantivo *mesmas* e o sintagma anterior, o que possibilita tal substituição.

*Anáfora pronominal* retoma porções textuais precedentes, evitando a repetição de palavras, organizando o discurso para introduzir a informação nova, dando continuidade ao tema, contribuindo para a progressão temática.

“Muitas vidas estão se extinguindo, muitos desastres de amplitude mundial estão ocorrendo. Frente a isso, é necessário”

Anáfora que veicula a informação velha através do pronome demonstrativo *isso*, marcando a referência do cotexto ao retomar e apontar a continuidade do texto com a informação nova.

Fica evidente, portanto, que o tipo de coesão discutido por estas informações levantadas é muito comum na imprensa e em todos os discursos de natureza argumentativa. Além disso, funciona como “gancho” responsável pelo encadeamento de ideias. Desta forma, pode-se compreender que este estudo é importante no mínimo porque, como foi possível notar nesta análise das redações, a rotulação é o meio de classificar a experiência cultural de modos estereotípicos, substituindo termos ou orações não apenas como um processo aleatório de nomeação, mas como uma codificação de percepções partilhadas. Por isso, é útil estudar todos os rótulos em seus contextos lexicais e sintáticos, discutivelmente, este é o único modo de como podem ser estudados, quando se almeja aumentar o nosso conhecimento de padrões de significação na linguagem.

#### **4. O encadeamento textual por rótulos retrospectivos**

Francis (1994/2003) afirma, em um estudo sobre a língua inglesa, ser impossível identificarmos todos os nomes que possam exercer o papel de rótulo. Também em língua portuguesa existem muitos nomes que podem preencher as características necessárias para ser um rótulo, no entanto, não é o objetivo deste trabalho esgotar essa lista.

O que se propõe a seguir é elaborar um quadro com todos os nomes-núcleo encontrados nas redações adotadas como *corpus* neste estudo. Não obstante, cabe ressaltar que nos exemplos analisados,

percebeu-se também que o modificador pode ter um papel especificador ou pode atribuir uma avaliação ao nome-núcleo, de caráter positivo ou negativo, tornando-se um valioso recurso para explicitar as intenções do produtor do texto.

Opondo-se aos modificadores que apresentam um caráter avaliativo, o nome-núcleo tem por finalidade descrever a situação apresentada, permitindo ao leitor uma interpretação adequada do trecho, evitando que o leitor possa ter dificuldade para identificar a extensão do discurso a que o rótulo remete. Além disso, são usados também outros encapsuladores como pronomes, advérbios, numeral ou artigo, entretanto, para essa primeira análise, privilegia-se apenas os rótulos recolhidos e se propõe categorizá-los em três grupos: *nomes neutros* que são termos gerais sem juízo de valor, expressando os fatos sem exposição de pontos de vista; *nomes modificadores* que consistem em nomes oriundos de adjetivos que expressam um valor / opinião sobre os fatos mencionados no texto, avaliando as suas próprias proposições; e *nomes deverbais* que servem para explicitar estágios de um argumento desenvolvido, ampliando o sentido verbal das ações propostas no texto, apresentando um caráter metalinguístico.

<b>Nomes Neutros</b>	<b>Nomes Especificadores</b>	<b>Nomes Deverbais</b>
acidentes, acordo, acontecimento,	ajuda, ameaça, ataque, bloqueio,	acusação, alegação, condição,
argumento aspecto, assunto, ato,	catástrofe, causa, corrente, conflito,	conhecimento, constatação, escolha,
atitude, ação, característica, coisa,	confusão, concorrência, convicções	expressão, ilusão, manifestação,
complemento, conclusão, consequência	decisão, decreto, detalhe, diferença	mudança, pensamento, pergunta,
dados, dia, esquema, episódio,	dificuldade, disputa, distinção,	raciocínio, realização, reivindicação,
fenômeno, forma, frase, função,	dominação, droga, entendimento,	resolução, solução, tarefa, valor.
hipótese, história, ideia, informação,	exigência, golpe, incidente, índice,	
jeito, lances, lema, maneira, marcas,	indícios, insucesso, invasão, justo,	
medida, meios, movimento, notícia,	luta, missão, momento, motivo,	
objetivo, ocasião, opção, palavras,	novidade, opressão, prejuízo,	
parágrafos, papel, postura, quadro,	privilégio, problema, propósito,	

questão, razão, resposta, revés, rito,	providência, surpresa, tragédia,	
sistema, situação, tema, tese, tipo.	tentativa, vantagem.	

Para atender a demanda desta análise utilizar-se-á essa subdivisão com a finalidade de obter uma categorização que se considera mais precisa para os rótulos que Francis (2003) chama de *nomes gerais*, uma vez que estes acabam por adquirir uma excessiva abrangência. Já que esse autor agrupa em uma classe denominada de nomes gerais, os nomes nucleares de rótulos que apresentam uma semântica imprecisa, tal como: área, aspecto, caso e outros. O exemplar prototípico desta categoria é o nome núcleo *thing*, que Francis diz ser o “mais geral e adaptável”, atuando como verdadeiro “coringa” no discurso. Entretanto, apesar do caráter impreciso que esses nomes-núcleo apresentam, a escolha de um rótulo é única, pois são palavras altamente dependentes do contexto.

Apesar do possível risco que uma proposta como essa pode correr ao enveredar tal caminho, dada a dificuldade de estabelecer classificações semânticas, pretende-se seguir com base nesse levantamento para se analisar como os encapsuladores contribuem para a progressão temática das redações. Tendo em vista que alguns desses encapsuladores podem ser formados por SNs complexos, por causa da dada imprecisão semântica do nome-núcleo, inserindo-se nesse rótulo o modificador que tem por função atribuir valores ao nome-núcleo.

### 5. *A função discursiva do Encapsulamento Anafórico*

O Encapsulamento Anafórico é uma forma de referenciação e constitui, por isso, uma atividade discursiva. Especificamente, do ponto de vista da produção escrita, que por ocasião de sua atividade de produção, opera sobre o material linguístico que tem a sua disposição e procede as escolhas significativas para representar estados de coisas, de modo condizente com o seu projeto de dizer (KOCH, 2002, p. 199). Isto é, as formas de referenciação, longe de se confundirem com a realidade extralinguística, são escolhas realizadas pelo produtor do texto orientadas pelo princípio da intersubjetividade, ra-

ção pela qual os referentes são construídos e reconstruídos ao longo do processo de escrita.

Neste sentido, os referentes já introduzidos no texto podem ser retomados, mantendo as mesmas características e propriedades ou, como é muito comum, com alterações ou com o acréscimo de outras. Nesse segundo caso, passam a fazer parte de outra(s) categoria(s), além daquelas com que foram inicialmente apresentadas. Entretanto, uma das formas mais ricas de progressão é aquela que podemos realizar por meio de expressões nominais, isto é, aquelas expressões que constam de um núcleo nominal (substantivo), acompanhado ou não de determinantes (artigos, pronomes adjetivos, numerais) e modificadores (adjetivos, locuções adjetivas, orações adjetivas).

Por ocasião da progressão referencial, é possível sumarizar-se todo um trecho anterior ou posterior do texto, por meio de uma forma pronominal ou nominal: é a isso que se denomina encapsulamento. Assim, o encapsulamento pode ser feito por meio de um pronome demonstrativo neutro, como *isto*, *isso*, *aquilo*, *o*, ou, então, por meio de uma expressão nominal, ocorrendo, então, o que se chama de rotulação.

Tanto as expressões nominais (definidas e indefinidas), quanto os rótulos são recursos importantes para levar o leitor em direção às conclusões desejadas, isto é, para que o leitor apreenda a orientação argumentativa do texto. Daí a importância de selecionarmos aquelas expressões nominais e aqueles rótulos mais indicados para revelar o projeto de sentido, pois, desta forma, contribuímos para a progressão temática do texto, evitando o tangenciamento do tema, seja nas redações dissertativas ou em quaisquer produções argumentativas.

Desta forma, as partes do texto são encapsuladas sob a forma de expressão nominal, cujos nomes-núcleo dessas expressões são, em grande número dos casos, nomes genéricos, inespecíficos, cujo sentido necessita ser determinado pelo cotexto. Ao rotularem uma parte do cotexto que as precede ou que as segue (*x é um fato, um caso, um fenômeno, um acontecimento, uma desgraça, uma hipótese*, etc.), elas estabelecem um novo referente que, por sua vez, poderá vir a constituir o tema dos enunciados seguintes. Frequentemente,



aparecem em início de parágrafos e essas expressões nominais podem rotular uma parte do cotexto precedente, estabelecendo, assim, um novo referente do discurso.

Assim, ocorre a função discursiva do encapsulamento anafórico, contribuindo, progressivamente, para que a redação apresente suas partes bem desenvolvidas com: *Introdução*, apresentando a tese; *Desenvolvimento*, sustentando a tese por meio de argumentos coesos e coerentes; e *Conclusão*, ratificando a tese e acrescentando um algo a mais. Essa retomada da tese impede que o texto se torne um aglomerado de frases sem coesão e coerência, pois garantem a evolução do tópico discursivo, conforme se pode observar no exemplo abaixo, retirado de uma das redações, que constituem o *corpus*:

<b>Tema:</b>	Aquecimento Global
<b>Tese:</b>	o poder do consumidor, a conscientização das empresas e o governo através da força da lei estão tentando reverter <i>esse processo</i>
<b>Argumento 1:</b>	a preferência do <i>consumidor</i> por produtos ecologicamente eficientes
<b>Argumento 2:</b>	as <i>empresas</i> diminuem os problemas ambientais
<b>Argumento 3:</b>	o <i>governo</i> cria leis e multas para diminuir a intensa destruição das matas e florestas
<b>Conclusão:</b> <b>*ratifica a tese</b>	Portanto, nota-se que todos os <i>três setores da sociedade</i> estão engajados em diminuir o aquecimento global

O nome nuclear *setores* retoma os argumentos que foram propostos para defender a tese de que o *poder do consumidor*, a *conscientização das empresas e o governo* através da força da lei estão tentando reverter o processo do aquecimento global. Daí o uso da forma gramatical remissiva presa, um numeral “três”, que exerce a “função-artigo” (KOCH, 2009), acompanhando o nome nuclear “setores” de atividade linguageira com o modificador de papel classificatório do rótulo “da sociedade”. Sendo assim, ratificando a tese, por meio da coesão referencial anafórica, o aluno faz a conclusão de seu texto e garante o encadeamento das ideias do texto.

Desta forma, os encapsuladores possuem uma importante função na introdução, com mudança ou desvio de tópico, bem como de ligação entre tópicos e subtópicos. Ou seja, eles introduzem mudanças ou desvios do tópico, preservando, contudo, a continuidade tópica, ao alocarem a informação nova dentro do quadro da informação dada. Dessa forma, são responsáveis simultaneamente pelos dois

grandes movimentos de construção textual: retroação e progressão. Assim sendo, é comum as expressões referenciais efetuarem a marcação de parágrafos, contribuindo para a estruturação do texto, funcionando como operadores discursivos nas redações dissertativas argumentativas.

### **5.1. A estatística das cadeias de referência**

Quando remetemos seguidamente a um mesmo referente ou a elementos estreitamente ligados a ele, formamos, no texto, cadeias anafóricas ou referenciais. Esse movimento de retroação a elementos já presentes no texto – ou passíveis de serem ativados a partir deles – constitui um princípio de construção textual, praticamente todos os textos possuem uma ou mais cadeias referenciais.

Em sequências expositivas, a cadeia anafórica principal dirá respeito ao referente (ideia) central que está sendo desenvolvido, podendo, evidentemente, haver outras, relativas aos demais referentes que forem sendo apresentados no curso da exposição. No texto de divulgação científica a seguir, em que predominam sequências expositivas, destacamos a cadeia anafórica alusiva ao referente principal.

Entretanto, quando a cadeia referencial é formada por pronomes pessoais de 3ª pessoas, retos ou oblíquos, sempre que houver mais de um antecedente possível para a forma pronominal, a referência torna-se ambígua. Por isso, pode-se dizer que o encapsulamento anafórico consiste em uma dessas formas de introdução de referentes no modelo textual, pois, quando se escreve, pode-se recorrer a dois tipos de introdução de referentes textuais: ativação ‘ancorada’ e ‘não ancorada’.

Da mesma forma pode o escritor introduzir no texto um objeto de discurso totalmente novo, e, então, dir-se-á que ele produziu uma introdução não ancorada. Quando representado por uma expressão nominal, esta opera uma primeira categorização do referente. Não obstante, quando o escritor produz uma introdução (ativação) ancorada sempre que um novo objeto de discurso é introduzido no texto, com base em algum tipo de associação com elementos já presentes no cotexto ou no contexto sociocognitivo dos interlocutores.

Neste sentido, os casos de introdução de referentes de forma ancorada constituem anáforas indiretas, uma vez que não existe no cotexto um antecedente explícito, mas, sim, um elemento de relação que se pode denominar de âncora (SCHWARZ, 2000) e que é decisivo para a interpretação (KOCH, 2002; 2004). Para garantir a continuidade de um texto é preciso estabelecer um equilíbrio entre duas exigências fundamentais: repetição (retroação) e progressão. Isto é, na escrita de um texto, remete-se, continuamente, a referentes que já foram antes apresentados e, assim, introduzidos na memória do interlocutor; e acrescentam-se as informações novas, que, por sua vez, passarão também a constituir o suporte para outras informações.

Às retomadas ou remissões a um mesmo referente dá-se o nome de progressão referencial e pode ser realizada por uma série de elementos linguísticos, em diferentes níveis:

#### *5.1.1. Intrafrasal*

- Formas de valor pronominal, como os pronomes propriamente ditos (pessoais de 3ª pessoa, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos);
- Numerais (cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários);
- Certos advérbios locativos (aqui, lá, ali). São destacadas as expressões adverbiais que têm a função dêitica ou função de fazer progredir referencialmente o texto;
- Elipses que se constituem, abundantemente, nos textos;

#### *5.1.2. Interfrasal*

- Formas nominais reiteradas;
- Formas nominais sinônimas ou quase sinônimas;
- Formas nominais hiperonímicas;
- Nomes genéricos;

### 5.1.3. Interparagrafal

- Sumarização/encapsulamento de segmentos textuais antecedentes ou subsequentes;
- Recategorização de referentes
- Forma retrospectiva ou anaforicamente;
- Forma prospectiva ou cataforicamente;
- Rotulação
  - ✓ Aquele em que a designação feita pelo rótulo recai sobre os fatos, eventos, circunstâncias contidas no segmento textual encapsulado.
  - ✓ Aquele em que o rótulo nomeia o tipo de ação que o produtor atribui aos personagens presentes no segmento encapsulado, como a declaração, a pergunta, a promessa, a reflexão, a dúvida, etc., ou seja, aqueles que têm função metadiscursiva.
  - ✓ Aquele que repete outro já presente no texto, para mostrar em relação a ele distanciamento, ironia, crítica. Em muitos casos estes rótulos vêm entre aspas.

Outra visão geral a ser dada diz respeito a como esse total de menções se distribui dentro das redações, informando como essas seqüências ocorrem no texto, em cada um dos níveis mencionados e destacando com que frequência aparecem em cada texto.

	Intrafrasal	Interfrasal	Interparagrafal
Aplicação / Total	24/25	12/25	25/25
Frequência	22%	40%	50%

Tabela de Distribuição dos Níveis de Cadeias de Referência

Conforme os dados acima, percebe-se que, em praticamente todas as redações, a retomada de termos ocorreu dentro das frases e, na maioria das vezes, através de pronomes, entretanto, numa visão global de cada texto, essa referência ocorreu em baixa frequência de aparecimento desses referentes intrafrasais no mesmo texto.

Além disso, se levarmos em consideração a retomada de uma frase a outra ou do termo de uma frase em outra poder-se-á perceber

uma frequência maior deste nível interfrasal nas redações que o utilizam. Ou seja, o que mais aparece em todo o *corpus* é a referência intrafrasal, quase todas as redações têm esta forma, mas ela aparece em poucos momentos em cada texto. Já a referência interfrasal, apesar de ocorrer em aproximadamente 50% das redações, atua com mais frequência nos textos, como se o aluno que produz aquele texto optasse por usar esse nível interfrasal como ponto de partida para as retomadas.

Neste sentido, destaca-se a retomada entre parágrafos, que funciona como gancho semântico entre as partes do texto, tais referentes são retomados mais adiante ou servem de base para a introdução de novos referentes, contribuindo para a progressão temática, a medida que ajudam a colocar as ideias em cadeia. Geralmente, aparecem como forma de abordagem temática em cada parágrafo, atendendo ao propósito de associar os argumentos ao tema, para que não se formem frases isoladas sobre assuntos diferentes em um mesmo texto, mas amarrando esses assuntos ao tema. A referência em nível interparagrafal ocorre em todos os textos e em uma frequência regular nos textos, pois pelo menos dois parágrafos de cada texto têm essa forma de retomada.

Desta forma, especificamente, do ponto de vista da produção escrita, o escritor, por ocasião de sua atividade de produção, opera sobre o material linguístico que tem a sua disposição e procede a escolhas significativas para representar estados de coisas, de modo condizente com o seu projeto de dizer (KOCH, 2002, p. 199). Isto é, as formas de referência, longe de se confundirem com a realidade extralinguística, são escolhas realizadas pelo produtor do texto orientadas pelo princípio da intersubjetividade, razão pela qual os referentes são construídos e reconstruídos ao longo do processo de escrita.

Na escrita de um texto, remete-se, continuamente, a referentes que já foram antes apresentados e, assim, introduzidos na memória do interlocutor; e acrescentam-se as informações novas, que, por sua vez, passarão também a constituir o suporte para outras informações. Uma das formas mais ricas de progressão é aquela que se pode realizar por meio de expressões nominais, isto é, aquelas expressões que constam de um núcleo nominal (substantivo), acompanhado ou não de determinantes (artigos, pronomes adjetivos, numerais) e modifi-

cadres (adjetivos, locuções adjetivas, orações adjetivas). Isso garante que os referentes já introduzidos no texto possam ser retomados, mantendo as mesmas características e propriedades ou, como é muito comum, com alterações ou com o acréscimo de outras. Neste segundo caso, passam a fazer parte de outras categorias, além daquelas com que foram inicialmente apresentadas.

Como se pode ver, quando o termo para introduzir um referente é de pouco uso ou específico de determinado gênero, ele pode ser substituído por um sinônimo mais comum, ou seja, por uma explicação de termos por meio de sinonímia e hiperonímia, bem como através da definição desses termos que se pressupõem desconhecidos do leitor. Além disso, notamos também que há a referenciação a partir de uma sumarização de segmentos textuais antecedentes ou subsequentes, por meio de rotulação. E, por ocasião dessa progressão referencial, que torna possível sumarizar-se todo um trecho anterior ou posterior do texto, por meio de uma forma pronominal ou nominal, é que se pode denominar de encapsulamento. Assim, o encapsulamento pode ser feito por meio de um pronome demonstrativo neutro, como isto, isso, aquilo, o, ou, então, por meio de uma expressão nominal, ocorrendo, então, o que se chama de rotulação.

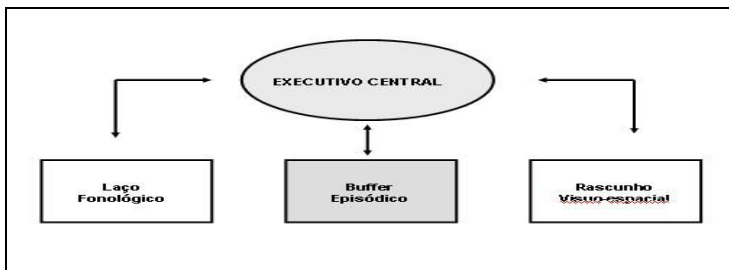
Não obstante, tanto as expressões nominais (definidas e indefinidas), quanto os rótulos são recursos importantes para levar o leitor em direção às conclusões desejadas, isto é, para que o leitor aprenda a orientação argumentativa do texto. Daí a importância de selecionarmos aquelas expressões nominais e aqueles rótulos mais indicados para revelar o projeto de sentido, pois como vimos, a seleção das formas nominais referenciais deve merecer um especial cuidado na construção de todo e qualquer texto, levando em conta que essas formas desempenham um papel de maior relevância na progressão textual e na construção do sentido. Só assim poderemos entender que os encapsuladores são recursos coesivos com princípio de organização no discurso.

Muitas pesquisas têm mostrado que essas expressões nominais referenciais desempenham uma série de funções cognitivo-discursivas de grande relevância na construção textual do sentido, dentre as quais se podem destacar as seguintes: ativação e reativação na memória. Uma vez que como formas de remissão a elementos an-

teriormente apresentados no texto ou sugeridos pelo contexto precedente, elas possibilitam, como vimos, a sua (re)ativação na memória do interlocutor. Por outro lado, ao operarem uma recategorização ou refocalização do referente, ou então, em se tratando de nominalizações, ao encapsularem e rotularem as informações-suporte, elas têm, ao mesmo tempo, função predicativa, isto é, carregam informação nova.

Para tanto, cabe ressaltar como esta habilidade cognitiva, a Memória de Trabalho, possibilita ao ser humano armazenar informações e conhecimentos sobre si mesmo e o mundo que o cerca, por isso ela deveria ser a base para os estudos de profissionais que trabalham com o ensino da linguagem. Sem a memória, a cada dia, ou mesmo, a cada momento, estaríamos começando uma vida nova, sem podermos nos valer do que aprendemos anteriormente. A memória contribui para o desenvolvimento da linguagem e do reconhecimento necessários à consciência da continuidade das nossas vidas.

Neste sentido, Baddeley e Hitch (1974) dão uma atenção especial à MT e a dividem em subsistemas especializados no armazenamento e processamento de diferentes tipos de informação. O modelo de memória proposto originalmente por Baddeley e Hitch (1974) e modificado posteriormente por Baddeley (1988) é constituída por 4 componentes funcionais: executivo central, laço fonológico, rascunho visuoespacial e buffer episódico. O retângulo do meio representa o Buffer Episódico componente que foi adicionado recentemente por Baddeley (2000). Este modelo de MT parte do sistema que manipula e mantém informações que as pessoas utilizam nas tarefas cognitivas.



Modelo inicial: **Executivo Central + Rascunho visuoespacial+ Laço Fonológico = MT** / Novo Modelo: **+ Buffer Episódico**

Desta forma, pode-se destacar que o mundo da cognição é espelhado no mundo do discurso, nomes, localizados “numa escala”, nomes puramente de processos verbais nomes puramente cognitivos, nomes como conclusão e observação, se referir tanto a um ato ilocucionário quanto a um estado ou processo cognitivo, verbos ilocucionários cognatos. Assim, a interpretação de uma expressão referencial anafórica, consiste não simplesmente em localizar um segmento linguístico no texto (um “antecedente”) ou um objeto específico no mundo, mas, sim, algum tipo de informação anteriormente alocada na memória discursiva.

Por tudo isso, pode-se afirmar que o encapsulamento anafórico é um forte argumento para que, entre a linguagem e o mundo, queiramos situar uma interface que não é neutra, mas que guarda as marcas cognitivas de nosso envolvimento com determinados grupos sociais que interpretam e conhecem. Portanto, torna-se evidente que o fato de que seu funcionamento só pode ser compreendido quando se encara a atividade linguística como uma atividade cooperativa.

## **6. Considerações finais**

Esta pesquisa analisou o uso de sintagmas nominais não específicos que atuam como rótulos, ou seja, expressões que exigem uma realização lexical no seu contexto. O rótulo, assim, remete a porções de texto de extensões variadas, contribuindo simultaneamente para a coesão e a organização textual.

Para tanto foi utilizado um *corpus* de língua escrita, constituído de redações de alunos de cursos comunitários de preparatórios para o vestibular. O critério utilizado para a escolha dos mesmos foi o fato de terem sido ou serem organizados de forma argumentativa, com amplo uso dos mecanismos de coesão e, por isso, foi possível identificar vários SNs que funcionavam como rótulos.

Tais rótulos foram analisados quanto à função e à forma, enquanto aquela possibilitava correlacioná-los aos diferentes períodos, numa perspectiva sociofuncionalista, esta contribuiu para se verificar a constituição do rótulo e o aspecto semântico dos nomes-núcleo. Em raros casos, o nome-núcleo ocorreu sem determinante ou modificador, adicionando informações ao nome-núcleo do rótulo, sendo,



então, uma escolha que reflete no âmbito gramatical os aspectos comunicativos.

Em relação à natureza semântica do nome-núcleo, os rótulos analisados foram agrupados em três categorias semânticas: nomes neutros, nomes especificadores e nomes deverbais. Nos dados levantados, a maioria dos rótulos concentra-se entre os nomes neutros em todas as redações. Tal escolha, em parte, não é surpreendente, pois outras análises de diferentes *corpora* já apontaram na mesma direção (BEZERRA 2004, PAREDES SILVA & MARTINS 2008, CARVALHO 2005, entre outros).

Partindo da constatação de que o rótulo pode funcionar como um organizador discursivo, pois tem a capacidade de remeter a porções textuais, pode-se ver que, no gênero redação, os rótulos contribuem para a progressão dos temas abordados. Em cada redação, o assunto é introduzido, desenvolvido e concluído, não havendo espaços para digressões, por exemplo. Desta forma, pode-se concluir que os rótulos inserem-se nesses contextos, contribuindo para a introdução e retomada de informações, a preservação da continuidade textual, a organização textual e a avaliação de porções textuais, tanto em seqüências expositivas como em argumentativas.

Portanto, esta análise sucinta novas reflexões sobre o uso dos rótulos e contribui para os estudos da referenciação e de sua relação com gêneros e tipos textuais, ao descrever e analisar a constituição e o funcionamento dos rótulos nas redações argumentativas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, A. Suárez. *Curso de redação*. Articulação sintática do texto. Uso dos operadores argumentativos. 12. ed. São Paulo: Ática, 2004.

ABREU, M. T. T. V. *O processo de referenciação e a construção do texto argumentativo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

ANTUNES, Irandé. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola, 2005.

APOTHELOZ, D. & CHANET, C. Definido e demonstrativo nas nomeações. In: CAVALCANTE, M., BIASI-RODRIGUES, B., CI-

- ULLA, A. (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 131-76.
- ARRUDA-FERNANDES, Vania Maria Bernardes. A tipologia textual e o emprego de conectivos em textos orais e escritos. Uberlândia: *Letras & Letras*, vol. 12, nº 2, p. 23-45, jul-dez, 1996.
- AZEREDO, J. Carlos de. *Iniciação à sintaxe do português*. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. (Coleção Letras).
- AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- BAKHTIN, M. Gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BEAUGRAND, Robert; DRESSLER, Alain, WOLFANG, Ulrich. *Introduction to text linguistic*. Longman: University of Vienna, 1981.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BEZERRA, G. P. *Sintagmas nominais como rótulos em livros didáticos de história do Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.
- CÂMARA JR, J. M. *Manual de expressão oral e escrita*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CARNEIRO, Agostinho Dias. *Redação em construção: a escritura do texto*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2001.
- CARONE, Flávia de Barros. *Subordinação e coordenação*. São Paulo: Ática, 2000.
- CHAROLLES, Michel. Introdução aos problemas da coerência de textos: abordagem teórica e estudo das práticas pedagógicas. GALVES, C. H.; ORLANDI, E.; OTONI, P. (Orgs.). *O texto. Escrita e leitura*. Campinas: Pontes, 1988, p. 39-85.
- CASTILHO, A. T. *Os mostrativos no português falado*. São Paulo: FAPESP, 1993.

CONTE, M. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, M., RODRIGUES, B. & CIULLA, A. (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p.177-190.

COSTA VAL, M. da Graça. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática. 2000.

FINOTTI, Luísa Helena. *Fatores de textualidade em redações de vestibular: uma análise crítico descritiva*, 1994, 100 p. Dissertação de mestrado em linguística. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

FRANCIS, Gill. Labelling discourse: an aspect of nominal-group lexical cohesion. In: COULTHARD, M. *Advances in written text analysis*. London: Routledge, p. 83-101, 1994. Trad. CAVALCANTE, M. et al.; revisão CIULLA, A. In: CAVALCANTE, M. , RODRIGUES, B. & CIULLA, A. (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, p. 191-228, 2003.

GARCIA, O. Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 23. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

GUIMARÃES, Elisa. *A articulação do texto*. São Paulo: Ática. 1997.

KOCH. I. G. V., TRAVAGLIA, Luís Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto. 1990.

KOCK, Ingedore G. V. *Argumentação e linguagem*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

\_\_\_\_\_. *A inter-ação pela linguagem*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1995.

\_\_\_\_\_. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1996.

\_\_\_\_\_. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto. 1997.

MARCUSCHI, L. A. *Linguística de texto: Como é e como se faz*. Série Debates 1. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983.

ORLANDI, E. Sujeito, história, linguagem. In: \_\_\_\_\_. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes. 2005.

PAREDES SILVA, V.L. *Rótulos em artigos de opinião e notícias jornalísticas*. Fortaleza: UFC, 2009.

\_\_\_\_\_. & MARTINS, A. P. M. O uso de SN's definidos vs. Demonstrativos como rótulos em entrevistas jornalísticas. *Revista do Programa de Pós-graduação em Linguística (UFRJ)*, v. 4, p. 39-58, 2008.

PÉCORA, Alcir. *Problemas de redação*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ROCHA, D. O. D.; DEUSDARÁ, Bruno. Análise de conteúdo e análise do discurso: o linguístico e seu entorno. *DELTA: Documentação de Estudos Linguísticos Teoria e Aplicada*. São Paulo, v. 22, n. 1, p. 29-52, 2006.

VAN DIJK, Teun. *Cognição, discurso, interação*. São Paulo: Contexto, 2002.